

Entrevista a João Paulo Borges Coelho

ANA PATRÍCIA PEIXINHO VICENTE SANTOS¹

CLEPUL



A presente entrevista feita ao escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, até agora inédita, foi realizada com o intuito de posteriormente ser inserida na minha Tese de Mestrado em Estudos Românicos, apresentada no dia 3 de Dezembro de 2010, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o título “Construção da memória nos Contos de João Paulo Borges Coelho.

Tendo decidido fazer a dissertação sobre a obra ficcional de João Paulo, inferi que seria benéfico, para mim e para os futuros leitores deste trabalho, conhecer um pouco mais o seu universo pessoal e ficcional.

A conversa que aqui se apresenta está inserida na Tese de Mestrado, intitulada: “Construção da memória nos Contos de João Paulo Borges Coelho”. Pode-se dizer que é um diálogo entre uma investigadora que é apaixonada pela Literatura e Cultura e um autor que mostra seu profundo amor por Moçambique, as suas histórias e as suas gentes. A minha paixão por este país nasceu do contacto literário que este escritor concede em cada livro, em cada história. Esta entrevista tem como base os seus dois livros de contos – *Índicos Índicios I – Setentrião* (2005) e *Índicos Índicios II – Meridião* (2005), sobre os quais se fizeram diversas questões que foram retalhando muitos aspectos relevantes para a elaboração da minha tese. De salientar ainda que esta entrevista revela um outro aspecto – o modo como João Paulo Borges Coelho encara e interpreta o mundo e mais concretamente o seu país.

João Paulo Borges Coelho é historiador e dedica-se ao ensino na Universidade de Mondlane, é ainda professor convidado no Mestrado de História de África da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Para além destas suas facetas, junta-se também a de exímio escritor, que desde 2003 tem vindo a afirmar-se no seio de uma comunidade de literatos. O seu primeiro livro *As Duas Sombras do Rio*, foi lançado em 2003, seguindo-se *As Visitas do Dr. Valdez*, romance que ganhou a edição de 2005 do prémio literário José Craveirinha. A sua escrita e projecto literário baseiam-se numa imensa bagagem científica, ligada a uma ficção de realidades passadas, presentes e de possíveis futuros do seu país, Moçambique.

Os livros de contos, o *Setentrião* e o *Meridião* assentam nestas linhas de pensamento, tendo como pano de fundo um Moçambique até então não revelado.

Não posso deixar de sublinhar ainda o facto de no ano de 2009 o autor ter ganho a 2ª edição do Prémio Leya com a sua mais recente obra, o romance *O Olho de Hertzog*.

É para mim uma honra ter tido o privilégio de entrevistar este grande escritor, que tanto fascina o espaço lusófono com a sua escrita, imaginação e dedicação a um país tão emblemático como Moçambique.

O impacto da leitura da obra de JPBC é muito intenso, provocando no leitor um questionamento sobre aspectos que pensávamos já consolidados e dados como certos.

1 Tendo nascido no Porto em 1955, o que o levou até Moçambique? Quer contar-me um pouco da sua história?

□ Não há muito para contar. A minha mãe é moçambicana da ilha do Ibo, veio para Portugal estudar, casou em Portugal, nasceu a minha irmã mais velha, logo em seguida nasci eu e partimos para Moçambique. Apenas isso. Somos iguais a milhares de outras famílias dessa época.

2 Sendo o seu percurso académico relacionado com a história económica e social de todo o período colonial e pós-colonial de Moçambique, gostaria de saber o que o fascinou na História deste país?

□ A história de Moçambique é uma história muito rica e complexa, violenta como o são as histórias de todos os territórios colonizados, e cheia de desafios. Durante muito tempo (de facto até à independência), e salvo excepções que se contam pelos dedos, como a do grande historiador que foi Alexandre Lobato, recebeu pouca atenção dos historiadores que não fosse dirigida aos “heróis” e à saga da colonização. Estudei história na universidade imediatamente após a independência, e como é natural havia muito a fazer neste domínio, escrever pela primeira vez a história numa perspectiva inteiramente diferente. Além disso era um período em que a chamada história contemporânea adquiria uma grande aceleração, quer a nível teórico e conceptual, quer a nível do real. Fiquei desde logo entusiasmado por este campo, e com o muito que havia para fazer.

¹ Mestre em Estudos Românicos (Literaturas Africanas) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

3 Qual é a razão que o leva a dedicar-se tão intensamente ao estudo do período colonial e de guerra civil em Moçambique?

□ A violência atravessou sempre a nossa história e, mesmo quando não traz em si a explicação central, condiciona todos os outros factores. Comecei a interessar-me pelo conflito colonial na medida em que ele foi o processo próximo que conduziu à independência. Para o meu ensaio de licenciatura trabalhei as riquíssimas fontes coloniais que estão à guarda do Arquivo Histórico de Moçambique. Desde então, por essa e por outras razões mais circunstanciais, tenho vindo a dedicar-me a estudar os conflitos também regionais, da África Austral.

4 O João Paulo tem família por parte da sua mãe no Ibo e viveu lá. O Norte marcou-o muito? Porquê?

□ Nunca vivi no Ibo. Apenas fui lá de visita, nas férias, para casa dos meus avós. Vivi uns anos em Tete, mas era demasiado novo para reter mais que umas escassas memórias. Passei a infância e a adolescência na Beira, que também se pode inscrever no Norte. Marcou-me muito no sentido em que esses períodos das nossas vidas, que são os períodos das primeiras descobertas, nos marcam sempre muito.

5 Ao contrário de alguns escritores moçambicanos, que assentam a sua escrita literária numa matriz do próprio país, considera a sua abordagem mais europeia? Porquê esta sua escolha?

□ Não considero que a minha abordagem seja europeia. É uma abordagem local de alguém em cuja cultura existe uma forte carga europeia. Há quem me tenha referido isso suspeito que por causa da linguagem, próxima da norma. Mas não nos devemos iludir com os aspectos superficiais. A língua que falo e escrevo não é uma escolha, é uma condição. É a língua em que penso, e é ela, nesta forma concreta, que escolhi para terreno da minha luta literária. Se quisesse, poderia escrever com um “sabor” de Nampula, por exemplo, trocando os Bs pelos Ps, e adoptando uma sintaxe própria. Não me seria muito difícil, e provavelmente apaziguaria algumas expectativas de quem busca o exótico. O exótico não me interessa minimamente. Temos de aprender a distinguir a diferença entre desvio cultural à norma e mero erro. O primeiro é um processo lento, que não é instituído por decretos ou ideologias, mas gerado na rua, na fala das pessoas. Já o erro é um simples problema técnico com o poder de deitar completamente por terra os projectos mais bem intencionados. Não considero que exista isso a que chama a matriz do próprio país, pois relativamente ao português estamos no tal lento processo de transição, e levará muito tempo até termos uma norma própria e distinta, aplicável a todo o espaço nacional. Há muitas matrizes em

transformação, se quiser, das quais a literatura só muito parcialmente dá conta, e quase sempre involuntariamente. Esta questão, é importante que se diga, é distinta da escolha de fórmulas estéticas como em Mia Couto, ou Graciliano Ramos, ou Luandino Vieira. É importante que não se confunda isso com a linguagem popular. Voltando ao exótico, ele não passa de um “fast food” de quem imagina como será “o outro lado” e se contenta com pequenas surpresas superficiais. Temos de estar abertos à substância do outro, e não apenas aos pequenos detalhes que nós próprios imaginamos e apomos à pele do outro.

6 Os seus livros de contos, *Setentrião* e *Meridião*, debruçam-se, como as restantes obras sobre acontecimentos passados na África Austral. Qual foi o seu objectivo ao escrever estas *estórias*?

□ Não tenho um “objectivo” quando escrevo. Tenho um feixe de intuições (não direi “necessidades” para não parecer dramático) que me conduzem a uma prática da qual colho grande gozo (não direi “vício” pela mesma razão). São as intuições que me levam aos temas e à maneira como os abordo.

7 Em que é que se inspirou para escrever estes dois magníficos livros que me fizeram apaixonar pela Literatura e Cultura moçambicana?

□ Estes dois livros constituem uma espécie de reportagem literária. Um pouco à maneira de Michel Butor, que escrevia influenciado pelos lugares, procurei, na sequência de algumas viagens que efectuei ao longo da extensa costa moçambicana, captar o “espírito” dos lugares. Escrevi “inspirado” por cada um desses lugares. Há muitos outros lugares que ficaram de fora e espero um dia vir a escrever sobre eles. Evidentemente, se regressasse aos lugares sobre os quais escrevi, escreveria hoje *estórias* diferentes.

8 Qual foi a razão que o levou a escrever apenas estes dois livros de contos? O que difere para si escrever um conto ou um romance?

□ Penso já ter respondido a uma parte da questão na pergunta anterior. Já quanto ao que distingue o conto do romance, não há resposta fácil. Teoricamente podemos distingui-los (na construção do *plot* do conto, etc.), mas, dentro de mim, há razões outras que ainda não descobri inteiramente. Talvez os distinga o facto de, no conto, se tratar de pôr em prática uma ideia feita, enquanto que o romance é um salto no desconhecido. Início o romance com um vago ponto de partida e nada mais, enquanto que no conto há algo muito mais concreto logo no primeiro dia. Paradoxalmente, o conto apresenta para mim maiores dificuldades. Enquanto no romance, uma vez feito o “arranque”, se trata de seguir um itinerário quase

musical animado pelo deslumbramento de pequenas descobertas, no conto, de que se sabe muito mais à partida, nomeadamente quase tudo até ao desfecho, é muito mais difícil manter a tal música dado que a descoberta não é tão intensa. Enfim, no conto há sempre um perigo maior de reduzirmos a escrita à mera redacção. A redacção é a escrita dócil de uma ideia, muito diferente da escrita propriamente dita, que apalpa e se deslumbra a cada esquina.

9 Ainda a propósito destes livros de estórias, uma coisa que me suscitou algumas interrogações foi o facto de o primeiro ser muito mais desenvolvido e ou recheado que o *Meridião*. Será isto apenas uma relação minha ou terá algum fundamento?

O trabalho dos *Índicos Índicios* foi concebido como um conjunto de estórias num volume só. Foram razões editoriais que ditaram a sua publicação em dois volumes. Quando me pus o problema de como separar essas estórias, estabeleci uma distinção algo artificial entre Norte e Sul, em que o Sul correspondia a Maputo (a capital) e arredores, e o resto ao país inteiro. Com isso quis também dar a entender que há uma importância talvez excessiva de Maputo no equilíbrio do país. Consequentemente, o *Setentrião* surge talvez menos lacónico.

10 Um leitor que leia as suas obras vê nitidamente a importância que dá a temas como o espaço, o tempo e a memória. Porque é que incide tanto nestes temas?

Por um lado, talvez seja a influência do historiador. Sempre me interessaram os mistérios que essas coordenadas de espaço e tempo escondem. Por outro, penso que vivemos actualmente, não só em Moçambique mas na cultura neo-liberal universal, um grave apagamento da memória (quando não a sua grosseira manipulação), com várias consequências, das quais seguramente uma das menos negligenciáveis é a de ficarmos incapacitados de imaginar o futuro. Não nego também que nesta atitude de interesse pela memória haja, mais pessoalmente, traços de alguma melancolia, não tanto relativamente ao passado mas mais à infância. E, já agora, também relativamente à natureza, que pensava dotada de uma certa imunidade e agora vejo severamente mutilada.

11 Tendo presenciado todo o período de guerra, houve alguma alteração no Moçambique desse tempo em relação ao de agora?

Houve, claro, e alterações profundas, na maior parte positivas. A guerra é o horror, e essa será também

uma das razões por que se fala pouco nela. Para além do fim da guerra houve também alterações estruturais muito positivas. Apesar de termos ainda muita miséria e sofrimento, a maioria vive sem dúvida melhor. Avançámos também nessa direcção tão importante que é a substituição da ordem pura e simples pela convivência, embora haja resquícios de nostalgia que aspiram à reposição da velha ordem metálica, face aos quais temos de estar atentos.

12 Recentemente, ganhou a 2ª edição do Prémio Leya com o seu novo romance *O Olho de Hertzog*. Qual é, para si, o significado deste prémio?

O prémio pode ser encarado sob muitos pontos de vista. Alguns um pouco incómodos, como por exemplo uma certa “exposição pública” que me trouxe enquanto pessoa. Do ponto de vista da literatura, trouxe mais visibilidade aos meus livros, e esse é um aspecto inegavelmente agradável.

13 Por fim, assume-se como um escritor ou historiador? Ou faz uma travessia entre os dois?

Assumo-me como eu próprio, uno e indivisível, embora com as contradições e conflitos que, de uma maneira ou de outra, nos atravessam a todos. Não estou dentro do académico ou do escritor, eles é que estão dentro de mim.

14 O escritor nasceu mais tarde em si? Ou sempre escreveu e só agora começou a editar?

Sempre escrevi, mas apenas fragmentos: pequenos contos, poemas medíocres, etc. Acho que acontece assim com todos nós. Mas não guardo coisas. Só quando comecei a publicar passei a escrever sistematicamente.

15 Qual é o eu que mais o apaixonava e cativa, o que escreve ficção, ou o que pesquisa a História?

Como já disse, não são dois “eus” distintos, mas um mesmo “eu”. E as duas práticas preenchem-me de maneiras diferentes. Não nego, porém, que às vezes me vem à ideia que gostaria de passar um par de anos só a escrever ficção, para “ver” como é. Mas trata-se apenas de uma ideia: como sabe, exceptuando raríssimas e nem sempre recomendáveis excepções, não se pode viver da escrita literária.

Recebido: 14 de fevereiro de 2011
Aprovado: 09 de março de 2011